

RESUMO

Bufonaria de Bando: pedagogias da festa por um riso em comunidade

Esta reflexão parte de um procedimento pedagógico no campo da bufonaria, o *workshop* “Bufonaria de Bando: corpo, jogo e carnaval”. A vivência e o texto que dela se desdobra nesse artigo se desenvolvem a partir de uma discussão entre os conceitos de bando e festa, convocados como ativadores de um corpo em jogo, explorando a sua potência em coletivo para a construção de estados físicos que buscam forjar uma atmosfera de comunidade. A edição do *workshop* que estamos investigando culminou em uma saída de rua durante o carnaval de Fortaleza/CE, oferecendo assim alguns parâmetros de pensamento para a construção de um corpo grotesco em relação com o acontecimento carnavalesco, tendo como referência a compreensão de Mikhail Bakhtin sobre as festas populares e o corpo em constante construção. Analisamos por fim algumas propostas metodológicas que vêm sendo aplicadas e debatidas no percurso da ação formativa.

Palavras-chave: bufonaria, bando, corpo, festa

ABSTRACT

Gang's Buffoonery: party's pedagogies for a laugh in community

This reflection is based on a pedagogical procedure in the field of buffoonery, the *workshop* “Gang's Buffoonery: body, game and carnival”. The experience and the text that unfolds from it in this article are developed from a discussion between the concepts of gang and party, called upon as activators of a body in play, exploring its collective power for the construction of physical states that seek to create an atmosphere of community. The edition of the workshop that we are investigating culminated in a street outing during the carnival in Fortaleza/CE, thus offering some parameters of thought for the construction of a grotesque body in relation to the carnival event, taking as a reference Mikhail Bakhtin's understanding of popular festivals and the body in constant construction. Finally, we analyze some methodological proposals that have been applied and debated throughout the course of the formative action.

Keywords: buffoonery, gang, body, party

Bufonaria de Bando: pedagogias da festa por um riso em comunidade

A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa.

Eduardo Galeano

Apresento desde as primeiras linhas dessa escrita, os rumos e posicionamentos do que reivindico enquanto uma proposta política, poética e pedagógica para o corpo, tendo como espaço de observação as metodologias do que venho desenvolvendo através do *workshop* Bufonaria de Bando, mais precisamente observando a sua realização com o subtítulo corpo, jogo e carnaval, edição realizada durante o período carnavalesco de 2025, com parceria entre a Academia do Riso: Escola de Iniciação a Palhaçaria e a Plataforma Casa Bufa.

A ação aconteceu entre os dias 28 de fevereiro e 01 de março, sendo dividida em dois momentos, o primeiro no Theatro José de Alencar, com um grupo de 22 pessoas, e o segundo em uma saída de rua na abertura do carnaval, em um dos principais polos carnavalescos da cidade de Fortaleza, a Praça da Gentilândia, mas antes de adentrarmos aos acontecimentos da ação, apresento as premissas teóricas que subsidiam essa proposta e que posteriormente se traduzem nas metodologias aplicadas.

Acredito que para pensarmos a bufonaria é necessário que tomemos o corpo enquanto principal conceito e matéria de criação. Para a professora Carmem Lúcia Soares, o corpo ocidental passou por um processo de educação onde os conceitos de civilidade e cortesia são organizados de forma sistemática no percurso da sua construção social, esses termos “balizam todo um percurso de pedagogias e técnicas voltadas ao corpo individual e social” (SOARES, 2021, p. 4)

Partindo do pensamento da autora, Evelise Amgarten Quitzau e Andrea Moreno, que aprofundam a questão para constatar os mecanismos e as consequências de uma educação do corpo e as suas estratégias de controle e regulação.

Nesse sentido, a noção de educação do corpo formalizada por Soares (2014) indica que a mesma se caracteriza pela progressiva repressão das manifestações corporais, tornando o corpo adequado ao convívio social, inserindo-o em processos de aprendizagens que buscam encobrir e apagar uma natureza rebelde e trazer à luz uma natureza pacificada. A autora salienta que, para ser exibido, o corpo precisa ser educado, e essas ações pedagógicas percorrem múltiplos caminhos, elaborando práticas contraditórias, ambíguas e

tensas, que muitas vezes configuram verdadeiras formas de constrangimentos das pulsões. (QUITZAU, E. A.; MORENO, A, 2021, p. 3)

Os processos de controle e regulação dos corpos a muito vem sendo debatidos em diversas áreas do conhecimento, e encontram em Michael Foucault um dos principais interlocutores e teóricos. O corpo tem centralidade no pensamento do filósofo francês, atravessando diversas de suas obras, e no que se refere as normas de regulação das pulsões podemos tomar como referência Vigiar e Punir, (1997) nela o autor nos apresenta as relações de poder-saber, onde são instauradas técnicas e tecnologias para o disciplinamento dos corpos.

Essas estratégias impressas no corpo se dão e são aprofundadas no contexto do capitalismo enquanto modelo de exploração das forças de trabalho. Nesse estudo não iremos nos aprofundar nas noções biopolíticas, porém é imprescindível compreender esse contexto onde “corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. (FOUCAULT, 1997, p. 28)

Diante do apresentado e do panorama o qual se inscreve o corpo no contexto contemporâneo, nos interessa pensar estratégias de subversão a lógica dominante de repressão dos corpos, apresentando alternativas para uma fricção da norma, almejando a possibilidade de engajamento do corpo em um estado de pulsação plena, abrindo assim um campo de exploração para a bufonaria e o seu componente subversivo.

Tais estratégias vêm sendo experimentadas desde 2023 através de uma proposta formativa no campo da bufonaria, em termos pedagógicos, Bufonaria de Bando contrapõe a noção de palhaço/bufão pessoal e mergulha na construção de estados físicos para a criação de uma potência coletiva, tendo a festa como o princípio motor das relações entre os participantes. Portanto convoco e adentro as dimensões de bando e festa como conceitos em ação para esta escrita, mas principalmente como modo de habitar o corpo, o mundo e a cena da palhaçaria/bufonaria.

A noção de bando é fundamental tanto para Lecoq como para Gaulier (LOPES, 2017, p. 24) dois dos principais nomes no campo da bufonaria em sua dimensão artístico-pedagógica, porém nos interessa também alguns pensamentos que já vêm sendo traçados na relação com outras epistemes, como aponta a pesquisadora Ana Luiza Rocha da Silva:

Pensando no universo dos bufões, o bando, a força do coletivo unido como forma de resistência diante do opressor, são estratégias fundamentais na sobrevivência desses que foram banidos da sociedade. Há também um sentido de dever, de se proteger, se salvar, se unir. Os bufões e os indígenas

representam, para mim, nesse aspecto, outra cultura. Na sociedade em que vivo o coletivo ainda não se constitui como primeira estratégia de sobrevivência e cuidado. (SILVA, 2019, p. 48)

Esse modo de enxergar na coletividade uma possibilidade de resistência gera um contraponto a cultura pós-moderna que alarga o individualismo e produz um processo de personalização em que o todo social se reestrutura segundo a lei própria do indivíduo, culminando numa sociedade narcísica (LIPOVETSKY, 2005). Durante o workshop essa noção é explorada durante horas através de um jogo performativo de cardume, onde os participantes se seguem mutuamente, dançando, suando e jogando juntos, criando um coro bufônico, ou o que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han denomina de “corpo comunal” (2021) que pode ser acessado através de práticas de repetição por meio de uma ação ritualizada.

Esse estado de efervescência coletiva se dá também enquanto aspecto metodológico a partir da festa, onde o corpo assume um lugar de primazia, por onde passam e são produzidos os afetos, por um instante o corpo em festa se desvincula das normas de produtividade, se movimenta sem nenhum compromisso com a produção material capitalista, apenas se entregando as pulsões do movimento. As noções de certo ou errado, feio ou belo, também são naturalmente desvinculadas da vivência, podendo cada corpo se movimentar a partir da matriz que lhe interessa enquanto expressão.

A vivência se coloca em um espaço de ambivalência próprio a lógica da bufonaria, pois ao mesmo tempo que é aula, é festa, o acontecimento festivo não se dá a partir da mimese, mas se estabelece de fato, o que nos coloca em um espaço de constante aprendizado através do corpo. O pesquisador Daniel Santos Costa nos apresenta um caminho fértil ao pensar a dimensão ambivalente do corpo em festa no contexto pedagógico.

O acontecimento da festa como este espaço intervalar, ou encruzilhada, abre frestas para pensarmos o corpo como lugar de experiência que, de acordo com Larrosa (2014), é um modo de habitar o mundo além, onde a experiência não pode ser conceituada. Ela é a própria vida, transbordamento, criação, invenção, acontecimento e, neste contexto, pronunciam-se crenças e modos de pensar das comunidades marginais, indicando a confluência de diversos sistemas epistêmicos. O corpo que é festa, festeja, narra saberes, torna-se visível na instabilidade entre sagrado e profano, entre luzes e trevas, entre certo e errado e tantas outras dicotomias. Trata-se de um corpo que é fê e divertimento, é vida e é arte, embevece-se de tragédias e comichões, ou seja, um corpo em exuberante produção de vida. (COSTA, 2018, p. 116-117)

Essa lógica de um corpo que vibra em coletivo, e produz vida, é exatamente o oposto do regido pelas tecnologias de poder tão bem apontadas por Foucault, e é esse estado que buscamos desenvolver durante o restante do *workshop*, provocando constantemente os participantes a acessar essa camada no corpo, para posteriormente pensarmos sobre e como essa pulsão pode ser desenvolvida em cena por bufas em bufões.

O deslocamento do corpo para o espaço da festa proporciona um olhar para a multidimensionalidade. Nesse aspecto, ao possibilitar que tal postura metafórica ganhe contornos expandidos, seja na criação artística ou nas práticas pedagógicas, ancoramos possibilidades de mudanças de perspectivas nas práticas de ensino e atuação nas linguagens da arte. (COSTA, 2018, p. 120)

Observamos a partir de Costa que a festa se apresenta como um acontecimento complexo no limiar dos corpos em criação, sendo o campo favorável para o despertar de pulsões e estados que nos interessam no campo da bufonaria, de um jogo corporal que se ancora na materialidade e no movimento, que se pauta pela organicidade do corpo e das suas relações fisiológicas, o que também nos leva a pensar a natureza da festa que propomos em sala, e os recursos utilizados durante a ação para acessar algumas camadas que revelem o componente grotesco dos corpos, colocando em cheque parâmetros como civilidade e cortesia.

As músicas escolhidas tem um papel preponderante na ativação dos corpos em jogo/festa, através da *cumbia villera*, do carimbó, da swingueira e do funk buscamos ritmos capazes de nos conectar a pulsões extra cotidianas. O grave forte e a cadência que esses ritmos provocam acabam nos orientando para movimentos que partem do baixo corporal, mais precisamente da região pélvica, abrindo espaço para o que buscamos enquanto a construção de um corpo grotesco sob a luz de Bakhtin:

Em oposição aos cânones modernos, o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem perfeito, mas ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites. Coloca-se ênfase nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo exterior, isto é, onde o mundo penetra nele ou dele sai ou ele mesmo sai para o mundo, através de orifícios, protuberâncias, ramificações e excrescências, tais como a boca aberta, os órgãos genitais, seios, falo, barriga e nariz. É em atos tais como o coito, a gravidez, o parto, a agonia, o comer, o beber, e a satisfação de necessidades naturais, que o corpo revela sua essência como princípio em crescimento que ultrapassa seus próprios limites. É um corpo eternamente incompleto, eternamente criado e criador, um elo na cadeia da evolução da espécie ou, mais exatamente, dois elos observados no ponto onde se unem, onde entram um no outro. (BAKHTIN, 1999, p. 23)

Se nota que a partir da noção de corpo grotesco retomamos a dimensão do corpo a partir de suas necessidades naturais, justamente aquelas reguladas por códigos de conduta referendados na Idade Média, por instituições clericais e difundidas amplamente durante séculos, por nomes como Tomás de Aquino e Erasmo de Roterdã (SOARES, 2021) inferindo que os processos de educação do corpo estão vinculados a uma visão de mundo específica, no caso o cristianismo, que atrela as suas estratégias e normas de controle, estabelecendo um elo de ligação entre corpo e alma, e as consequências que se estabelecem no campo da transcendência em caso de um não seguimento das normas estabelecidas pelas instituições.

Portanto buscamos através da festa acessar as camadas de um corpo grotesco como forma de estabelecer uma ligação imanente com a materialidade, com a terra, com os parceiros de sala ou cena, partindo de uma outra visão de mundo, que não se orienta pela culpa, erro ou pecado, para isso é importante experimentar e trazer também para as práticas pedagógicas em comichão outras matrizes para além das brancas-euro-cristãs.

A exemplo de outras experiências que vêm sendo mobilizadas nesse sentido, e que nos auxiliam como referência para alargar as possibilidades poéticas da criação em palhaçaria, destaco especialmente o trabalho que vem sendo realizado pela palhaça e doutora Antônia Vilarinho, junto a sua pesquisa por uma Palhaçaria de Terreiro. Antônia “considera o corpo como território de mandinga e de encantamento. O corpo que mandinga e que se movimenta pela ginga da Capoeira Angola, que se move pelas danças dos Orixás e pelas brincadeiras dançantes do cacuriá de Dona Teté, produz alegria e afeto” (VILARINHO, 2023, p. 5) ou seja, as escolhas poéticas e as matrizes que empregamos em nossas pedagogias são capazes de apontar outros caminhos para o corpo, criando conexões e abrindo um campo de experimentação, “são festejos que desafiam as guerras cotidianas, gerando o axé em inventivas sabedorias de sobre-vivência.” (ROSA, 2025, p. 46)

Portanto optamos por fazer uma saída de rua em pleno carnaval, notando a sua potência como um mobilizador de afetos e matrizes corpóreas outras, que nos colocam em uma relação de fronteiras para o que se estabelece entre a arte e a vida, entre a sala de ensaio e a rua, enquanto metodologia a proposição era para que os participantes pudessem jogar da forma mais livre possível, sem nunca perder a dimensão do bando e da escuta com essa comunidade estabelecida no primeiro momento.

Convocando o poder de inversão do carnaval cito a mim mesmo a partir de uma leitura do carnaval sob a ótica bakhtiniana, pois aqui podemos apontar essa linha que extrapola o corpo e o transpõe nessa dimensão de entres.

Bakhtin também nos aponta em diversos momentos de sua obra a importância das festas populares como formuladoras de sociabilidade, como parte inseparável no cotidiano dos participantes dos festejos em que as fronteiras entre a vida e o jogo são apagadas de propósito. É a própria vida que conduz o jogo. Segundo o autor, todas as dramatizações e joguetes estabelecidos no carnaval tinham ligação direta com o cotidiano dos participantes, nada era carnavalizado de forma metafísica, tudo era trazido pelo corpo, buscando a subversão característica permitida pelo carnaval (CAMPOS, 2020 p. 71)

Para DaMatta (1997) o carnaval está junto àquelas instituições perpétuas que nos permitem sentir (mais que abstratamente conceber) nossa própria continuidade como grupo, e por isso mergulhamos nesse acontecimento sem grandes preocupações com figurinos, ou o estabelecimento de figuras cômicas fixadas, o mais importante foi que os participantes pudessem se entregar a esse estado de efervescência coletiva e foi a partir dela que notamos uma série de jogos brotando, como quando Stela derramava cachaça na boca dos foliões a partir de uma prótese de peitos que ela mesmo havia construído para um outro número, vimos também alguns jogos de cardume executados em sala serem refeitos durante o carnaval, só que dessa vez com um número incontável de pessoas.

Por fim destaco que os caminhos até aqui observados estão em contante mutação, e a cada ação realizada do *workshop* se abre margem para novos pensamentos, partindo da configuração e dos contextos de cada turma, porém acredito que já seja possível demarcar a festa como uma potente ferramenta metodológica nas composições do corpo, tomando mais especificamente a bufonaria como nosso lugar de atuação, “mais do que representar algo, as festas são apresentações, encenações de novas realidades, de novas identidades, de novas possibilidades de relacionamento e ordenamento do social, elas são momentos privilegiados de simulação da possibilidade de mundos alternativos, de ordens diversas.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 145)



Fig 1. Bufonaria de Bando: corpo, jogo e carnaval. Foto: Diário do Nordeste

O corpo que festeja é capaz de acessar potências duramente reprimidas no fluxo da vida cotidiana e contrapor as duras normas impostas por um mundo cada vez mais digitalizado, onde as relações com o corpo são regidas a partir de filtros e tecnologias de controle, portanto encerro essa escrita com um convite, para que possamos em nossos processos de criação e formação cada vez mais dançar, festejar e celebrar uma existência em comunidade por e para um corpo em sua extrema potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa pra que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/issue/view/13>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na idade média**: O contexto de François Rabelais. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CARDOSO, Antonia Vilarinho. Máscaras na Palhaçaria de Terreiro e no Corpo-Mandinga: um relato para descolonizar processos criativos dos palhaces. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 47, p. 1–17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23238>. Acesso em: 18 jun. 2025.

COSTA, Daniel Santos. CORPO-FESTA: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, [S. l.], v. 5, n. 3, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/43153>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes, 1997.

HAN, Byung-chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Petrópolis, Vozes, 2021.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005.

LOPES, Beth. Bufonaria: tradição e contemporaneidade. In: BRAGA, Bya; TONEZZI, José. **O bufão e suas artes**: artesanaria, disfunção e soberania. Jundiaí, Paco, 2017.

QUITZAU, E. A.; MORENO, A. Apresentação – História da educação do corpo. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e80259, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/9JYTdqtxkv6ggQKM5sH5zfj/>. Acesso em 18. jun. 2025.

ROSA, Vanessa. Exu, Alegria e Comicidade Negra. In: Vinicius, Chico; SARAIVA, Fagne; PEQUENINO, Mafalda. **Comichidades e Palhaçarias Negras**. São Paulo, Ed. dos Autores, 2024.

SILVA, Ana Luiza Rocha da. Terra adorada: um olhar para a resistência dos povos indígenas pela perspectiva de uma bufona. Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204585>. Acesso em 19.jan. 2025.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação do corpo: apontamentos para a historicidade de uma noção. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e76507, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/ZqLrZGqvx9CNKYgrny6Dq4b>. Acesso em 19. jun. 2025.